

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ**  
**JULIA CAROLINY MALIZAN**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO DO PARQUE**  
**VITÓRIA - CASCAVEL-PR**

**CASCAVEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ**  
**JULIA CAROLINY MALIZAN**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO DO PARQUE**  
**VITÓRIA - CASCAVEL-PR**

Trabalho de Conclusão do Curso de  
Arquitetura e Urbanismo, da FAG,  
apresentado na modalidade Projetual, como  
requisito parcial para a aprovação na  
disciplina: Trabalho de Curso: Qualificação.

Orientador: Prof Arq.<sup>a</sup> Esp.<sup>a</sup>: Daniele Brum  
Souza

**CASCAVEL**

**2017**

**CENTRO UNIVERSITÁRIO DA FUNDAÇÃO ASSIS GURGACZ**

**JULIA CAROLINY MALIZAN**

**FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS: REVITALIZAÇÃO DO PARQUE  
VITÓRIA - CASCAVEL-PR**

Trabalho apresentado no Curso de Arquitetura e Urbanismo, da Faculdade Assis Gurgacz, como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo, sob a orientação da arquiteta professora especialista Daniele Brum Souza.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Professora Orientadora  
Daniele Brum Souza  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Arquiteta e Urbanista

---

Professora Avaliadora  
Ana Paula Horita Bergamo  
Centro Universitário Assis Gurgacz  
Arquiteta e Urbanista

Cascavel/PR, 23 de maio de 2017

“O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano”

Benedito Abbud

## **RESUMO**

Neste presente trabalho, consiste em uma proposta de revitalização do Parque Vitória que está localizado no município de Cascavel-PR. O tema surge com o intuito de realizar uma melhoria do espaço para estimular a permanência de usuários sobre esse local, priorizando a importância do parque na cidade, podendo levar as pessoas em um ponto de recreação para conversas e diversão. O presente estudo tem como objetivo propor uma revitalização do Parque Vitória na cidade de Cascavel-PR, que na qual se encontra desprovido de frequência por se encontrar em estado de abandono, falta de iluminação e degradação. A arquitetura paisagística tem buscado soluções de forma técnica e científica para minimizar as dificuldades dos espaços públicos e conscientizar a sociedade sobre um cotidiano mais sustentável e saudável. Através do tema, a arquitetura moderna entra como uma porta para soluções formais de projetos arquitetônicos dentro do parque e os espaços urbanos que possuem uma importância grande, pois são eles que fazem com que o público seja o alvo de diversas atrações. As praças são importantes para que o parque se torne mais atrativo com a utilização de equipamentos urbanos mais apropriados, sem fugir do conceito do projeto proposto. Com base nas revisões bibliográficas do urbanismo e tecnologia da construção, levando a importância também da acessibilidade, a presente pesquisa vem com o objetivo de buscar novas alternativas a fim de propor espaços mais conservados para o uso da população. Através dos estudos de correlatos e referenciais teóricos, pode-se concluir que o projeto proposto irá dispor da qualidade e conforto para os seus usuários.

Palavras-chave: Paisagismo. Revitalização. Parque.

## LISTA DE FIGURAS

|                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------|----|
| <b>Figura 01:</b> Iluminação chamada “Raio de Deus” .....      | 23 |
| <b>Figura 02:</b> Implantação do Bosque do Alemão .....        | 24 |
| <b>Figura 03:</b> Biblioteca do projeto Farol do Saber .....   | 25 |
| <b>Figura 04:</b> Frontão da casa Milla.....                   | 25 |
| <b>Figura 05:</b> Hyde Park .....                              | 26 |
| <b>Figura 06:</b> Parque Ribeiro do Matadouro.....             | 27 |
| <b>Figura 07:</b> Parque Ribeiro do Matadouro.....             | 27 |
| <b>Figura 08:</b> Parque em Istambul .....                     | 28 |
| <b>Figura 09:</b> Parque em Istambul .....                     | 29 |
| <b>Figura 10:</b> Banheiro público.....                        | 29 |
| <b>Figura 11:</b> Banheiro público.....                        | 30 |
| <b>Figura 12:</b> Banheiro público.....                        | 30 |
| <b>Figura 13:</b> Município de Cascavel-PR .....               | 32 |
| <b>Figura 14:</b> Implantação do Parque Vitória .....          | 33 |
| <b>Figura 15:</b> Entrada do Parque Vitória .....              | 33 |
| <b>Figura 16:</b> Concepção das Vias.....                      | 34 |
| <b>Figura 17:</b> Fim da Rua Sete de Setembro.....             | 35 |
| <b>Figura 18:</b> Mapa de indicação dos ventos do Paraná ..... | 35 |

## SUMÁRIO

|                                                                     |           |
|---------------------------------------------------------------------|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO .....</b>                                           | <b>01</b> |
| 1.1 ASSUNTO/TEMA .....                                              | 01        |
| 1.2 HIPÓTESE .....                                                  | 01        |
| 1.3 MARCO TEÓRICO .....                                             | 01        |
| 1.4 PROBLEMA .....                                                  | 02        |
| 1.5 JUSTIFICATIVA .....                                             | 02        |
| 1.5.1 Sócio-cultural .....                                          | 03        |
| 1.5.2 Acadêmico-científico.....                                     | 03        |
| 1.6 OBJETIVO GERAL.....                                             | 03        |
| 1.7 OBJETIVO ESPECÍFICO.....                                        | 03        |
| 1.8 METODOLOGIA.....                                                | 04        |
| <b>2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS .....</b> | <b>05</b> |
| 2.1 NAS HISTÓRIAS E TEORIAS .....                                   | 05        |
| 2.1.1 Arquitetura Moderna .....                                     | 05        |
| 2.1.2 Espaços Urbanos .....                                         | 07        |
| 2.1.3 Praças Reais .....                                            | 08        |
| 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS DA ARQUITETURA E PAISAGISMO.....   | 08        |
| 2.2.1 Projetos paisagísticos.....                                   | 08        |
| 2.2.2 Parques .....                                                 | 10        |
| 2.2.3 Jardins.....                                                  | 11        |
| 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO .....                        | 12        |
| 2.3.1 Paisagem urbana .....                                         | 12        |
| 2.3.2 Parque no contexto urbano .....                               | 13        |
| 2.3.3 A importância do mobiliário urbano .....                      | 13        |
| 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO.....                                | 14        |
| 2.4.1 Estrutura e Tecnologia.....                                   | 14        |
| 2.4.2 Topografia .....                                              | 15        |
| <b>3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA .....</b>                                | <b>17</b> |
| 3.1 CONCEITOS DE PRAÇAS E PARQUES .....                             | 17        |
| 3.1.1 Equipamentos urbanos.....                                     | 18        |
| 3.1.2 Vegetação urbana e arborização .....                          | 19        |

|                                           |           |
|-------------------------------------------|-----------|
| 3.1.3 Acessibilidade.....                 | 21        |
| 3.1.4 Conforto.....                       | 22        |
| <b>4 CORRELATOS E REFERÊNCIAS.....</b>    | <b>24</b> |
| 4.1 BOSQUE DO ALEMÃO EM CURITIBA-PR ..... | 24        |
| 4.2 HYDE PARK – LONDRES, INGLATERRA ..... | 25        |
| 4.3 PARQUE RIBEIRO DO MATADOURO .....     | 26        |
| 4.4 PARQUE EM ISTAMBUL.....               | 28        |
| 4.5 BANHEIRO PÚBLICO .....                | 29        |
| <b>5 DIRETRIZES PROJETUAIS .....</b>      | <b>32</b> |
| 5.1 IMPLANTAÇÃO DO PROJETO .....          | 32        |
| 5.2 ANÁLISE DO ENTORNO .....              | 34        |
| 5.3 VENTOS PREDOMINANTES.....             | 35        |
| 5.4 PARTIDO ARQUITETÔNICO .....           | 36        |
| 5.4.1 Memorial Justificativo.....         | 36        |
| 5.5 PROGRAMA DE NECESSIDADES .....        | 36        |
| 5.6 ESTUDO PRELIMINAR DO PROJETO .....    | 37        |
| <b>6 CONCLUSÃO.....</b>                   | <b>38</b> |
| <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>   | <b>39</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho refere-se à revitalização do Parque Vitoria na cidade de Cascavel-PR. Sobre esse local, foi proposta a melhoria de espaço, o que estimule a permanência e a prática de algumas atividades.

Procurou-se verificar, através da coleta de dados, o equipamento adequado para o local a ser revitalizado, além de um programa de necessidades efetiva para os moradores da cidade.

### 1.1 ASSUNTO/TEMA

O presente trabalho tem como assunto a revitalização de parque e como tema a revitalização do Parque Vitória, que está localizado na Rua Sete de Setembro no Bairro Cancelli no município de Cascavel-Paraná.

### 1.2 HIPÓTESE

Será proposta a revitalização para ser um lugar agradável, que estimula a permanência e a pratica de algumas atividades, como caminhar, conversar em grupo, andar de bicicleta, descansar ou admirar o entorno.

O sucesso do projeto de paisagismo está diretamente relacionado ao atendimento dos desejos e necessidades das pessoas, especialmente no que se refere aos equipamentos e locais de atividades.

### 1.3 MARCO TEÓRICO

A revitalização do Parque Vitória é um tema importante, pois “os locais de encontros, os largos, as feiras, as praças e os teatros parecem ter desaparecido, dando lugar apenas às avenidas, às auto-estradas e terminais rodoviários” (MALEQUE, 2004, p. 12), “o restauro, conservação e a preservação de bens culturais, em seu sentido lato, são, pois, motivados pelo reconhecimento que se faz da obra como dado cultural” (KUHL, 2008, p. 75).

A influência das pessoas no Parque Vitória deve levar em conta o espaço, os eventos e os diferentes estilos de vida das pessoas (WATERMAN, 2011). Portanto, todo o sistema que

será utilizado na proposta da revitalização procura levar em âmbito todas as faces da cultura, já que é o que domina o lugar e traz mais pessoas para a interação.

Vieira (2007), afirma que a harmonia deve acontecer durante a intervenção.

[...] quando uma intervenção feita sobre a paisagem é harmônica à natureza, o resultado passa a exprimir não mais o espaço de preservação, mas uma idealização que agrega o homem à natureza para a criação de um espaço que objetiva ser um lugar, um cenário com fins específicos, contendo valores estéticos. (VIEIRA, 2007, p. 24).

O uso da harmonia durante uma revitalização e intervenção é importante para que o espaço se torne mais útil para a convivialidade do povo, pois a qualidade de vida reflete em todo espaço e lugar. A ecologia está presente na natureza, onde determina o comportamento e a conduta dos habitantes (MALEQUE, 2004).

Através desse contexto, afirma-se que existem vários recursos que podem melhorar a qualidade de espaço dentro da cidade, a proposta de revitalização do Parque Vitória contará com a implantação de novos mobiliários urbanos, melhorar a acessibilidade, trazer novas instalações de iluminação.

#### 1.4 PROBLEMA

Como a revitalização do Parque Vitória pode trazer melhorias na configuração do espaço e no bem-estar dos usuários?

#### 1.5 JUSTIFICATIVA

A cidade de Cascavel-PR dispõe de um espaço público destinado para atividades de lazer dos moradores, localizado na Rua Sete de Setembro, o Parque Vitória possui um potencial para se tornar um ponto de encontro na cidade. Porém os seus elementos paisagísticos e mobiliários urbanos deixam a desejar.

Assim, considera-se que este trabalho se justifica, uma vez que visa entender o desenvolvimento de uma proposta projetual paisagística para o Parque Vitória na cidade de Cascavel-PR.

### 1.5.1 Sócio-cultural

Busca compreender a importância que a revitalização traz aos usuários do parque, buscando a socialização e a convivência do povo. O parque terá várias atividades, tais como espaços reservados para crianças e jovens, uma trilha para caminhadas e ciclovias.

### 1.5.2 Acadêmico-científico

O estudo e pesquisa de arquitetura e urbanismo fornecem condições para avaliar se há preparação para a profissão e também pode basear em pesquisas futuras.

### 1.5.3 Profissional

A presente pesquisa baseia os profissionais da área de arquitetura e urbanismo e também profissões relacionadas, onde há uma base teórica para futuras intervenções.

## 1.6 OBJETIVO GERAL

Elaborar um projeto de Revitalização do Parque Vitória, na cidade de Cascavel-PR, buscando novas alternativas que pode gerar uma mudança e melhorias na configuração do espaço.

## 1.7 OBJETIVO ESPECÍFICO

1. Analisar as vantagens da utilização de novos mobiliários urbanos, importância de acessibilidade, instalações de luminárias e novas áreas de lazer;
2. Procurar novas soluções para que o espaço se torne bastante utilizado;
3. Dispor a junção de diversos elementos proposto por Burle Marx e os demais autores, através de correlatos e referências no determinado assunto;
4. Realizar pontos para ciclistas e uma ciclovia;
5. Analisar a importância da área de lazer que é destinado para a utilidade pública;
6. Concluir comprovando a hipótese inicial com a resposta definitiva do problema de pesquisa.

## 1.8 METODOLOGIA

Para Lakatos (2003) a metodologia foi definida em:

Todas as ciências caracterizam-se pela utilização de métodos científicos; em contrapartida, em todos os ramos de estudo que empregam estes métodos são ciências. Dessas afirmações podemos concluir que a utilização de métodos científicos não é da alçada exclusiva da ciência, mas não há ciência sem o emprego de métodos científicos. (LAKATOS, 2003, p. 83).

A pesquisa será qualitativa, na primeira etapa será feita a pesquisa bibliográfica, e no segundo no momento será feito o levantamento de dados na prefeitura de Cascavel e fotos do local.

É classificado como pesquisa bibliográfica, que traz uma compreensão pública sobre o tema escolhido, através de jornais, revistas, monografias, teses etc (LAKATOS, 2003). “Sua finalidade é colocar o pesquisador em contato direto com tudo o que foi escrito, dito ou filmado sobre determinado assunto [...]” (LAKATOS, 2003, p. 183).

Com o olhar do arquiteto, a importância dos assuntos relacionados à teoria deve ser observada para que o projeto de revitalização comece a ser desenvolvido.

## 2 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS NOS FUNDAMENTOS ARQUITETÔNICOS

Neste capítulo, serão abordados temas relacionados à fundamentação teórica, correspondendo aos quatro pilares da arquitetura.

O primeiro pilar refere-se à História e Teorias, onde aborda os eventos históricos da arquitetura moderna, bem como os conceitos de espaços urbanos e praças voltadas à teoria.

O segundo pilar refere-se à Metodologia de Projetos, que trata de conceitos relacionados a projetos paisagísticos, que podem contribuir para o projeto proposto no termo paisagismo, bem como as praças que se relaciona com o paisagismo.

O terceiro pilar refere-se ao estudo do Urbanismo e Planejamento Urbano, onde discute termos que podem contribuir para a elevação do tema proposto, com baseado em conceitos urbanísticos, onde utiliza de forma clara a contextualização do projeto de revitalização do Parque Vitória.

O quarto pilar refere-se ao estudo ligado à estrutura da tecnologia e a topografia.

### 2.1 NA HISTÓRIA E TEORIAS

Nesse capítulo, os temas serão abordados com base na aproximação dos fundamentos arquitetônicos relacionados à história e a teorias.

No primeiro subcapítulo, o tema será abordado com base na arquitetura moderna, onde socializa o espaço urbano contemporâneo, com os espaços destinados ao ano de 1940. No segundo subcapítulo, o tema será abordado com base em espaços urbanos, que em geral socializa o contexto urbano dentro da linguagem do homem e da natureza. No terceiro subcapítulo, o tema é baseado nos conceitos das praças existentes.

#### 2.1.1 Arquitetura Moderna

Benelovo (2004) conceitua que uma história da arquitetura moderna tem o dever de apresentar os acontecimentos contemporâneos dentro da moldura de seus antecedentes, e para colocar os fatos contemporâneos em uma perspectiva satisfatória, deve, portanto, remontar ao passado naquilo que for necessário para complementar o conhecimento do presente. Como diz o autor: “a arquitetura moderna é a busca de um novo modelo de cidade, alternativo ou tradicional, e começa quando os “artistas e os “técnicos”, se torna apto a propor um novo

método de trabalho, liberado das anteriores divisões institucionais” (BENELOVO, 2003, p.615).

Arantes (2004) diz que a nossa arquitetura moderna, quando não era oficial e monumental, sempre foi de casas burguesas. Mas de acordo com Benelovo (2004), a arquitetura moderna nasce das modificações técnicas, sociais e culturais relacionadas à Revolução Industrial.

A arquitetura moderna no Brasil começou na Semana de Arte Moderna de 1922, paralelamente ao que aconteceu em outros países latino-americanos. A Semana de Arte Moderna criou uma atmosfera positiva para o realce da arte moderna e arquitetura no país (HARRIS, 1987).

No ano de 1922 foram realizados dois eventos principais no campo da arquitetura, a Exposição Internacional Comemorativa do Centenário da Independência, realizada na então capital federal, a cidade do Rio de Janeiro e a Semana de Arte Moderna em São Paulo. Tanto a exposição como a Semana têm situações muito diferentes, como a renovação da arquitetura brasileira e/ou as artes do Brasil. A desigualdade, no entanto, reside na compreensão deste anseio pelo modernismo e na forma arquitetônica proposta como o fim. No primeiro evento, a Exposição, a renovação arquitetônica tem um conceito ambíguo, que varia em torno da melhor confirmação do arquiteto, através de um mercado dominado por profissionais não familiarizados com a arte da construção, e a discussão por um estilo nacional (QUEIROZ E FREITAS, 2012).

Os mestres da arquitetura moderna - Walter Gropius (1883 - 1969), Mies van der Rohe (1886-1969), Le Corbusier (1887-1965) - foram os primeiros a tentar colocar esta técnica na prática da construção e do urbanismo. Gropius conduz, de 1919 a 1928, uma escola especial, a Bauhaus; os professores são alguns dos melhores artistas modernos (Klee, Kandinski, Schlemmer) e os alunos aprendem a projetar toda a gama de objetos que compõem o ambiente moderno, desde móveis até bairros ( BENELOVO, 2003, p.621).

A arquitetura moderna retoma, através de Le Corbusier, a preocupação com a insolação solar nos edifícios. Os "brises-soleils", ou pára-sol, parecem ser usados para bloquear o raio sem prejudicar a visão e ventilação, reduzindo o excesso de luminosidade nos ambiente (BITTENCOURT, 2004, p.20).

### 2.1.2 Espaços Urbanos

De acordo com Zevi (2000), a ausência de uma história de arquitetura satisfatória resulta da falta de hábito da maioria dos homens para entender o espaço, e da falha dos historiadores e críticos da arquitetura de se aplicar e difundir de um método coerente para o estudo espacial de Edifícios.

A experiência espacial da própria arquitetura se estende na cidade, nas ruas e praças, nos becos e parques, nos estádios e nos jardins, onde o trabalho do homem tem "vazios" limitados, ou seja, criou espaços fechados. Se dentro de um edifício o espaço é limitado por seis planos (um andar, um teto e quatro paredes), isso não significa que não há também um espaço fechado por cinco planos em vez de seis, como em um pátio ou praça. Eu não sei se a experiência espacial de uma estrada reta e uniforme, por quilômetros de planície desabitada, pode ser definida como uma experiência arquitetônica no sentido comum da palavra, mas é certo que todo o espaço urbano, tudo o que é limitado visualmente Por cortinas, sejam paredes, fileiras de árvores ou cenários, é caracterizada pelos mesmos elementos que distinguem o espaço arquitetônico. (ZEVI, 2000, p.25).

O termo espaço urbano, bem como "estrutura urbana", "estruturação urbana", "reestruturação urbana" e outros semelhantes, só podem ser referidos como intra-urbanos. Uma tal expressão deve, pois, ser desnecessária tendo em conta a sua redundância. No entanto, o espaço urbano - e todos aqueles relacionados - está hoje tão comprometido com a componente urbana do espaço regional que foi necessário criar outra expressão para designar o espaço urbano; daí o aparecimento e utilização de intra-urbano. (VILLAÇA, 2011, p. 18).

De acordo com Corrêa (1995), o espaço urbano é em termos gerais, o conjunto de diferentes usos de terra aplicados uns aos outros. Esses usos determinam áreas como: o centro da cidade, um local de concentração de atividades comerciais, serviços e gestão; Áreas industriais e residenciais, diferentes em termos de forma e conteúdo social; Áreas de lazer; E, entre outros, a reserva para futura expansão. Este conjunto de usos da terra é a organização espacial da cidade ou simplesmente o espaço urbano fragmentado. É isso que o espaço urbano é: fragmentado e articulado, reflexão social e condicionamento, uma união de símbolos e um campo de lutas. É, portanto, a própria sociedade em uma de suas dimensões, a mais aparente, materializada em formas espaciais.

### 2.1.3 Praças Reais

Uma vez que as praças reais contribuem para a manutenção da fidelidade do monarca, eles tendem a reforçar a unidade do reino. De fato, o rei é, em princípio, a única conexão entre as várias províncias. A nação francesa é em grande parte fruto dos esforços da monarquia: segundo o direito público do Antigo Regime, é incorporada na pessoa do soberano (HAROUEL, p.72)

As primeiras praças reais são a Praça Dauphine ea Praça Royale (Praça Vosges), criada em Paris por Henrique IV no início do século XVII. A primeira é uma praça triangular, localizada na ponta da ilha da Cité, em conexão com o Pont-Neuf. O rei, que está destinado aos cambistas, pode ter levado a idéia a Metz, a capital do banco judeu, onde há uma praça de Change, triangular e cercada por arcadas. Para a praça quadrada, as fontes de estímulo do rei devem ser procuradas não só na Itália, mas também nas novas cidades do Leste como Vitry-le-François (HAROUEL, 2001, p. 70).

Por fim, é frequente que depois de uma praça, um jardim ou uma caminhada desfrutar de uma bela vista da paisagem circundante. Podemos mencionar entre os exemplos mais característicos:

O Peiryrou de Montpellier, de onde se domina a planície do Languedoc; a praça Royale de Pau, belvedere em frente aos Pireneus; o passeio de Ajot em Brest, situado sobre a muralha, acima do ancoradouro; o parque criado por Blossac em Poitiers, sobre uma terraça dominando o Clain. (HAROUEL, p.70).

## 2.2 NAS METODOLOGIAS DE PROJETOS DA ARQUITETURA E PAISAGISMO

Nesse capítulo, serão abordados os temas relacionados aos projetos paisagísticos, onde mostra as características de praças em diversos lugares do mundo, que propõe conceitos.

### 2.2.1 Projetos paisagísticos

Macedo (2003) conceitua que a arquitetura da paisagem teve sua formalização na Europa e nos Estados Unidos no século XIX. Foi um tempo de enormes mudanças sociais e urbanas e a população urbana cresce, em seguida, tem novos processos e entre eles a projeção de espaços livres urbanos.



Tornou-se uma estação de enorme efervescência cultural, de abertura e criação para as massas, de áreas de recreação e lazer e da "urbanização" da vegetação. A arborização das ruas e praças é consolidada neste século eo parque público, o pequeno jardim privado eo bulevar (criações do Oitavo), desde então sendo figuras comuns da gramática urbana (MACEDO, 2003).

Segundo Ivete (2010), o projeto paisagístico representa papéis que vão além dos habituais parques e praças, e vários deles se beneficiam de atributos recentes no tecido urbano, com padrões morfológicos e demandas funcionais que acompanham os problemas presentes nos territórios urbanos atuais. Tais projetos podem ser representados, entre outras possibilidades, por requalificação urbana, mega-estruturas urbanas, novas geografias, adaptações paisagísticas e planejamento e projeto urbano-regional de paisagens.

O projeto de paisagismo deve fazer uso do jogo para disfarçar e mostrar certos elementos, fazendo com que os caminhos sejam marcados por descobertas prazerosas. A base de um bom paisagismo é a modelagem espacial diversificada através de plantas e volumes construídos. É através desta viagem que teremos diferentes sensações, incluindo a sensação de beleza. Mas projetar bons espaços vai, além disso, (Abbud, 2006, p.20)

Filho (2001) conceitua que o paisagismo é uma nova área do conhecimento humano, embora suas origens remontem à história da própria existência do homem. Acredita-se que desde o monumento em que o homem mudou seu comportamento nômade, para permanecer em um determinado lugar e explorar o ambiente que o rodeia deste modo o paisagismo começou a ser parte de sua vida. Por isso ele começa a utilizar o paisagismo para atender às suas necessidades estéticas e funcionais. “Ao elaborar um projeto, o paisagismo dispõe de elementos construídos e, ou, vegetais, bem como dos sentimentos, para estabelecer um processo de comunicação com os usuários da paisagem a der construída”. (FILHO, 2010, p.16).

O paisagismo é a única expressão artística em que participam os cinco sentidos do ser humano. Enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e as demais artes plásticas usam e abusam apenas da visão, o paisagismo envolve também o olfato, a audição, o paladar e o tato, o que proporciona uma rica vivencia sensorial, ao somar as mais diversas e completas experiências perceptivas (ABBUD, 2006, p.15)

A única expressão artística em que os cinco sentidos do ser humano participam é o paisagismo. Paisagismo também envolve o cheiro, audição, gosto e toque, o que proporciona uma rica experiência sensorial, enquanto a arquitetura, a pintura, a escultura e outras artes

visuais usam e abusam apenas da visão e adicionando as experiências perceptivas mais diversas e mais completas (ABBUD, 2006, p.15).

Waterman (2010) complementa que “o paisagismo é uma disciplina inexata”.

Quando há tantos elementos com os quais se trabalhar, nos deparamos com os limites da capacidade humana. Com humildade e a melhor das intenções, o paisagista tenta ordenar tudo, dentro do contexto, para que todas as várias funções humanas e naturais que se esperam de uma paisagem sejam atendidas. (WATERMAN, 2010, p. 52).

A figura de Roberto Burle Marx foi por muito tempo sinônimo de Paisagismo. Ele e suas equipes foram responsáveis pelos principais projetos paisagísticos do país. Eram projetados e executados, para o Estado e para as elites daquela época. É inegável a capacidade do arquiteto Burle Marx, e grande número de suas criações são consideradas obras-primas da arquitetura de paisagem mundial do século XX (MACEDO, 2003).

Burle Marx (1909-1994) foi responsável pela pausa formal no paisagismo brasileiro moderno. Suas primeiras praças, na cidade de Recife, quando era diretor do Departamento de Parques e Jardins (1934-1937), e os jardins do Ministério da Educação e Saúde (1938), no Rio de Janeiro, são considerados marcos modernista. Paisagismo brasileiro (ROBBA E MACEDO, 2010, p.110).

## 2.2.2 Parques

Os parques urbanos surgiram na Inglaterra no final do século XVIII, expandindo-se no século XIX para as cidades europeias devido da Revolução Industrial, houve um crescimento populacional acelerado, gerando um processo desordenado na ocupação urbana, com aglomerações cresceu problemas de insalubridade e falta de higiene. É necessário intervir na infraestrutura das cidades para atender essa demanda social e a introdução de novos conceitos higienistas, cuja atual defesa dos espaços de jardim nas cidades, resultando na necessidade de se criar lugares adequados para o lazer (MAYMONE, 2009).

Fabio Robba e Macedo afirmam que, “os parques são definitivamente ratificados como polos de lazer urbano, e as praças, agora espalhadas por todos os bairros, são elementos necessários para a vida na cidade, tomando-se objeto de interesse político”.

Parque suburbano é considerado para Madcaró (2008, p.27) “áreas grandes, dentre 50 e 150 ha, situadas na proximidade da cidade, servida por transporte público e ligada à rede de vias arteriais da cidade”.

“Parque urbano: São áreas de médio porte, menores que as anteriores, entre 10 e 50 ha. Devem estar envolvidas pelo tecido urbano ou, pelo menos, encostadas nele, com uma boa ligação ao sistema transporte público e privado da cidade” (MADCARÓ, 2008, p.29).

A importância de programar novos parques urbanos nas cidades, adequando-se às áreas verdes e aos espaços públicos existentes, com o objetivo de aperfeiçoar esses espaços para o cumprimento das suas funções sociais e ecológicas e melhorar a qualidade de vida da população, redefinindo a estrutura da paisagem ambiental das cidades (MAYMONE, 2009).

### 2.2.3 Jardins

O jardim moderno originou de um pensamento que comanda a natureza, de acordo com princípios artísticos como harmonia, contraste, relação de cheios e vazios, em que a vegetação determina piso, parede e teto. (IVETE, 2010, p.57)

Para Benedito Abbud (2006, p.24), cada jardim pode ter suas barreiras físicas praticamente ampliadas. Isto é possível e sempre bem-vindo com a sua extensão ao ambiente, pela união visual com os arredores, mesmo que não estejam em nossa propriedade. Os orientais chamam esta captura as paisagens adjacentes: elas se somam a vistas de espaços projetados, através de aberturas na massa de vegetação ou quadros, por exemplo, de modo que resultem em ambientes sensorialmente maiores.

A forma mais sintética e representativa do espaço exterior construído pelo homem é o jardim. De acordo com o dicionário, trata-se de terrenos ajardinados, normalmente fechados por muros ou grades (MADCARÓ, 2008, p.17). Nesse sentido ele entendeu o jardim como uma intervenção humana na natureza que funciona um conteúdo inédito, aberto, em que a arte é feita a partir dos elementos que vejo como vegetação, água, solo e poucos elementos construídos. Também elogia o compromisso social e pedagógico do jardim como obra de arte pública com o efeito de despertar a sensibilidade artística das pessoas que o admiram e usam (MADCARÓ, 2008, p.53)

Coube ao paisagista Roberto Burle Marx o conceito de *jardim*, trazendo conhecimentos em outros tipos de arte, como a pintura, a escultura, a música e, além disso, a botânica. Por essa razão, o arquiteto Michel Racine definiu o modernismo brasileiro como um "movimento

modernista com jardim" porque foi traduzido no campo da paisagem por um espírito revolucionário como o de Burle Marx" (MADCARÓ, 2008, p.48).

Abbud (2006, p.15) conclui que "quanto mais um jardim consegue aguçar todos os sentidos, melhor cumpre com seu papel".

## 2.3 NO URBANISMO E PLANEJAMENTO URBANO

Nesse capítulo serão abordados temas que expressam a importância do urbanista em relação à paisagem urbana, onde define as características principais para promover economia dentro do município. Também será abordado sobre o mobiliário urbano, que por sua vez traz traços para a paisagem urbana, influenciando o uso para o público em geral.

### 2.3.1 Paisagem urbana

Para Cullen (1983, p.17), "a primeira coisa a fazer [...]" antes de iniciar o projeto proposto é "[...] popularizar o possível a Arte do Meio ambiente" tornando harmônico o lado do espaço construído ou aberto e o lado emocional das pessoas (CULLEN, 1983), quando há uma requalificação de um espaço público, "[...] como ruas, avenidas, largos e praças, melhorando a infraestrutura e iluminando locais de encontro residentes [...]", dá-se o início da revitalização do espaço já construído. (MALEQUE, 2004, p.12).

Maleque diz que as transformações de uso onde há um certo tipo de permissão para abrigar os que apreciam ou gostam de interagir no espaço, deve ser considerado uma preocupação dos urbanistas (MALEQUE, 2004). Santos (1988) diz que o cenário depende do convívio de pessoas dentro de um espaço, que pode servir de abrigo por um tempo ou também apenas pode ser visualmente visto. "Nas cidades, o tempo vira uma espécie de espaço, mas cada espaço fala de muitos tempos [...]" (SANTOS, 1983, p. 24), mas Cullen diz que em um "mundo de conceitos bem definidos as estradas destinar-se-iam ao trânsito de pessoas e coisas e os edifícios às relações sociais e de trabalho" (CULLEN, 1983, p. 23).

Santos (2006), diz que o homem escolhia da própria natureza quando o meio era meio natural, pois "os aspectos considerados fundamentais ao exercício da vida, valorizando, diferentemente, segundo os lugares e as culturas, essas condições naturais que constituíam a base material da existência do grupo [...]" de pessoas. (SANTOS, 2006, p.157).

### 2.3.2 Parque no contexto urbano

“O urbano começa a ser repensado para se ajustar às condições do campo intelectual hegemônico [...]”, onde racionaliza “[...] o comportamento social [...]” (SANTOS, 1988, p. 33), “assim, a sociedade local era, ao mesmo tempo, criadora das técnicas utilizadas, comandante dos tempos sociais e dos limites de sua utilização” (SANTOS, 2006, p. 158).

O uso de mercados e feiras, para os urbanistas era considerado importante, pois dizem que é fundamental a utilização de uma feira para um melhor funcionamento do espaço urbano (SANTOS, 1988). Portanto para Santos (2006), quando um novo espaço surge em um determinado local, deve haver uma combinação lógica e também autoriza formas com ação específicas no lado social e econômico. Para Santos (2006, p. 166), “os lugares se distinguiriam pela diferente capacidade de oferecer rentabilidade aos investimentos”.

Para Maleque (2004) o uso multifuncional tem que ser fundamental, pois seria insuficiente transformar uma área em centro de serviços não havendo residências, que permitem a circulação de pessoas em um determinado espaço público.

O espectador deve se sentir conduzido através de diversos elementos que há dentro de um espaço, como um todo (TABACOVA, 2004), com a constituição de “pomares, hortas, canteiros, criatórios de aves, ovinos e caprinos e grandes lagos, espelhos paisagem, viveiros de peixes e habitat de coelhos e cisnes [...]” (SILVA, 2016, p.12), o parque poderá atrair mais visitantes para o local, transformando em um espaço de lazer.

### 2.3.3 A importância do mobiliário urbano

“O termo mobiliário urbano, embora de uso coerente no campo do desenho urbano e do design, não apresenta uma definição consensual e satisfatória” (GUEDES, 2005, p.19), mas são objetos constituídos para serem utilizados nos espaços públicos, definindo a paisagem urbana (GUEDES, 2005).

O mobiliário urbano, “como conceito, [...]” pode ser designado tais “[...] tarefas a cujo desempenho ele se destina e o usuário que o utilizará” (CAMBIAGHI, 2007, p.42), e também uma definição se volta ao desenho urbano, que “se concentra, atualmente, em compreender as complexidades do processo de desenvolvimento as complexidades do processo do desenvolvimento urbano [...]” (DEL RIO, 2009, p.48).

Há os elementos de urbanização e limitação, elementos de descanso, iluminação, jardinagem e água, comunicação, serviço público, comerciais e limpeza, e dá outra parte existem os elementos decorativos, com mobiliário de serviço, de lazer, comercialização, sinalização e mobiliário para uso exclusivo da publicidade (GUEDES, 2005).

Portanto, o mobiliário urbano é importante no contexto urbano e na paisagem urbana para a implantação no projeto proposto.

## 2.4 NA TECNOLOGIA DA CONSTRUÇÃO

Nesse capítulo, serão abordados temas relacionados à estrutura e tecnologia, a importância da topografia no meio paisagístico e ambiental.

### 2.4.1 Estrutura e tecnologia

Rebello (2003, p.17) busca mostrar que a concepção estrutural não é algo aleatório ou apenas produto da vontade de cada um, mas que necessita de fatores externos como estética, custos, possibilidades construtivas, materiais e tantas outras variáveis; saber coordenar essas variáveis, conhecendo uma maneira adequada de harmonizá-las, é o que leva a soluções estruturais criativas e bem construídas; que a solução original não da iluminação mágica, mas do profundo conhecimento do existente e de muitas tentativas.

Se um músico é perguntado o que ele entende de estrutura, Rebello (2003, p.21) afirma que a resposta pode ter palavras diferentes daquelas faladas por um engenheiro ou um arquiteto, mas a ideia básica será a mesma, ou seja, “estrutura é um conjunto, um sistema, composto de elementos que se inter-relacionam para desempenhar uma função, permanente ou não”.

Rabello (2003, p.22) explica que a estrutura urbana é um conjunto de edifícios, estradas praças que se inter-relacionam, ruas chegando a ruas ou praças, para que as pessoas possam circular e realizar atividades físicas e intelectuais. No caso dos edifícios, a estrutura é também um conjunto de elementos, lajes, vigas e pilares – para realizar uma função: elaborar um espaço no qual as pessoas realizarão varias atividades. E a estrutura é um conjunto de elementos. No caso da estrutura de edifícios, esse conjunto de elementos torna-se o caminho pelo qual as forças que atuam sobre ele devem transitar até chegar ao seu destino final, o solo.

Portanto o auto acima conclui que “a estrutura não se associa apenas a edificações. Está em tudo o que nos rodeia, nas plantas, no ar e nas pessoas, nos objetos e nas ideias” (RABELLO, 2003, p. 21).

A tecnologia dentro do processo projetual, é conhecida como um modo de projeção que faz dos dois momentos de idealização e realização, não mais uma conexão estática de causa e efeito, mas um processo interativo, do influencia recíproco até atingir uma tentativa de se trocar os modelos estáticos e definidos por métodos abertos e dinâmicos, individualizando, em vez do tipo funcional da forma arquitetônica, os parâmetros estruturais de transformação e construção do ambiente (MARCARÓ *et al*, 1990, p. 55).

Giorgio Boaga define a tecnologia como o “sistema que medeia a relação entre homem e natureza”. E é dentro dessa ideia central que se encontra todo o discurso sobre a tecnologia da arquitetura, isto é, como, através da tecnologia, se estabelece tal relação (MARCARÓ *et al*, 1990, p. 54).

A tecnologia do ambiente construído abrange, portanto, o tratamento sistemático de todos os fenômenos de transformação artificial do hábitat do homem [...] visto do ponto de vista da utilidade social e do respeito pelos eventos naturais (MARCARÓ *et al*, 1990, p. 54).

#### 2.4.2 Topografia

Segantine (2015) conceitua que a palavra topografia é de origem grega. Vem do topo grego, que significa "lugar", e graphein, que significa "descrever". E assim, como o próprio nome indica, topografia significa a descrição ea representação gráfica de um lugar ou, mais geralmente, dos elementos que o compõem. Assim vem o nome Topografia para a ciência que estuda a representação e descrição de irregularidades da superfície terrestre física (ou topográfica) a partir de técnicas e métodos topográficos, utilizando instrumentos topográficos ou equipamentos. A partir das técnicas topográficas e métodos são gerados desenhos representativos da superfície do terreno, que são chamadas de plantas topográficas.

A topografia procura representar uma localização baseada na geometria e na trigonometria plana. Podemos dizer que a topografia é ciência, baseada em geometria e trigonometria plana, que utiliza medições horizontais e verticais para obter a representação em projeção ortogonal em um plano de referência, os pontos capazes de definir forma, dimensão e acidentes naturais (TULER, 2014).

Ao considerar que a ciência é um conjunto de conhecimentos objetivos e sistemáticos e princípios de qualquer fenômeno, Topografia é uma ciência, uma vez que é guiado por um conjunto de princípios científicos e métodos, para permitir que as pessoas a fazer o seu trabalho de uma forma mais eficiente. Se a arte é a capacidade de alcançar um resultado desejado, aplicando conhecimentos e habilidades, a topografia também é arte, porque em muitos casos, a criatividade e a implementação adequada de princípios e conhecimentos contribuem para alcançar os objetivos desejados. A Topografia ainda é uma técnica porque é um conjunto de procedimentos e métodos (TULER, 2014).

A importância da topografia para engenharia é indiscutível. Para a concepção de qualquer obra de engenharia, bem como para a sua implantação futura, é fundamental o conhecimento dos elementos naturais e artificiais que a rodeiam. Portanto, a planta topográfica é a primeira e insubstituível ferramenta para a implantação de projetos de engenharia (TULER, 2014).



### 3 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

No item seguinte são explicados temas relacionados a praças e parques urbanos. Buscamos como contribuição teórica os autores que lidam com os equipamentos adequados para o projeto, acessibilidade, vegetação urbana e florestação, que dão base teórica para a presente pesquisa.

#### 3.1 CONCEITOS DE PRAÇAS E PARQUES

As praças urbanas são espaços livres e acessíveis a todos os indivíduos. É um lugar para as pessoas praticarem atividades que tornam sua vida diária mais agradável, sendo um centro social integrado com o tecido urbano. Para Oliveira (2011), quadrados, parques e jardins no contexto de centros urbanos referem-se diretamente às questões do espaço público e da vida pública, que por sua vez nos dizem sobre acessibilidade e apropriação desses espaços que são concretas e referem-se à política e à política cultural. A Praça do Brasil caracteriza-se como um espaço público, coletivo e multifuncional, é um elemento urbano que identifica e contribui para a organização do espaço da cidade como o livre acesso ea possibilidade de interação social são instituídos.

Para Robba e Macedo (2010), a praça brasileira como uma figura urbana é praticamente desconhecida em sua essência tanto por seus usuários e criadores, sejam eles arquitetos, engenheiros, técnicos, curiosos e outros. Duas figuras se destacam na imaginação popular: de um lado a vista do jardim, e, por outro lado, a praça dos esportes, ambos muito limitados e pouco abrangentes.

A partir dessas considerações, Sun Alex ocupa a praça em um campo específico do conhecimento - arquitetura e urbanismo - frente à questão de um limite espacial das cidades, que é também um desafio epistemológico para diversas áreas do conhecimento. Ainda que todos reconheçam a dimensão polissêmica do modo de espaço público e seu merito para a vida social, a defesa do equilíbrio entre função, forma e cultura no desenho da praça brasileira é devidamente abordada neste trabalho e pode servir de referência para Outras áreas que questionam a Formação de nossos espaços (OLIVEIRA, 2011).

Filho (2001) diferencia a praça de um parque por possuir menor dimensão, maior área impermeabilizada e enfatiza o uso dado ao parque, o autor divide os parques em seis

categorias: Parques de preservação; Parques especiais; Parques de recreação; Parque de vizinhança; Parque de Bairro; e Parques setoriais ou metropolitanos.

Para Jane Jacobs, um parque não existe apenas para garantir vitalidade para si e para o meio ambiente. Para que um parque funcione, ele precisa apresentar quatro elementos-chave: centralidade, luz do sol, delimitação espacial e complexidade. O autor também enfatiza em seu texto que cada parque urbano é um caso particular e desafia as generalizações e mesmo nos grandes parques, encontramos espaços distintos bem diferenciados e também recebem as influências das diferentes partes da cidade em seu entorno (JACOBS, 2000 *apud* MIRANDA, 2014).

Hoje, os parques urbanos têm muitas funções e contribuem para a sustentabilidade urbana. O ambiente natural e agradável destes espaços oferece minimização dos problemas das cidades e traz benefícios para os seus habitantes. Além dos problemas ambientais urbanos, os parques também aliviam as tensões sociais, pois proporcionam um espaço para o ser humano se aproximar da natureza (FERREIRA, 2007).

O hábito exigido pela vida urbana pode ser reduzido por atividades feitas nos parques, como passeios, caminhadas e jogos, ea possibilidade de contato entre a população das cidades nesses espaços. Essa vantagem relacionada ao lazer também está aliado à função psicológica de amenizar o estresse (FERREIRA, 2007).

Robba e Macedo (2010, p.37) complementam que os parques são definitivamente ratificados como pólos de lazer urbano, e as praças, agora espalhadas por todos os bairros, são elementos necessários para a vida na cidade, tornando-se objeto de interesse político.

Finalmente, nos tempos remotos e atuais, é claro que as praças desempenham um papel importante como uma área liberal, de uso geral, de tomada de decisão e lugar de comunidade e lazer em cada comunidade. Analisar o valor, os usos e as funções dessas áreas são essenciais para a valorização e preservação das praças públicas, especialmente numa época em que a preocupação global é com o meio ambiente, a sustentabilidade ea qualidade de vida da população.

### 3.1.1 Equipamentos urbanos

A lei brasileira, através da Lei 10.098 / 2000, define o conceito de mobiliário urbano como um conjunto de objetos em estradas e áreas públicas, sobreposto ou ligado aos elementos de urbanização ou construção, de modo que sua modificação ou transferência não

provoque mudanças. Como sinalizadores e similares, cabines telefônicas, fontes públicas, caixotes, toldos, tendas, quiosques e qualquer outra natureza similar (BRASIL, 2000).

A ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas) considera os mobiliários urbanos como todos os objetos, elementos e pequenas construções que fazem parte da paisagem urbana, seja de caráter utilitário ou não, implantada pela autorização do poder público nos espaços públicos e privados (ABNT, 1986, p.01).

John e Reis (2015) entendem que considerar o mobiliário urbano pela abordagem da percepção ambiental é fundamental para o desenvolvimento de projetos que respondam de forma mais adequada às necessidades dos indivíduos. Para isso, é necessário considerar o mobiliário urbano como parte integrante da paisagem e aprofundar o conhecimento sobre a relação entre o design do mobiliário urbano, o espaço urbano e seus usuários, considerando aspectos estéticos e uso.

Romero (2001) complementa-se, além do mobiliário propriamente dito, como bancos, lixeiras e bebedouros, elementos que servem de separação e proteção, tanto pontuais, grades de proteção, vasos ornamentais e de jardim, como elementos lineares como peitoris, Trilhos, trilhos, valas e gradis.

O mobiliário urbano também deve atender aos objetivos para os quais se destina, buscando responder de forma satisfatória às necessidades das pessoas que o utilizarão. O desenho dos elementos urbanos deve considerar a sua funcionalidade para que sejam reconhecidos pelas pessoas como úteis e importantes no espaço público. As características físicas dos indivíduos devem ser consideradas para que o mobiliário seja bem utilizado e contribua para o conforto, segurança, orientação e informação dos usuários. Ao considerar as opiniões dos usuários, o desenho do mobiliário urbano tenderá a ser mais adequado à função e terá maiores possibilidades de ser bem utilizado (JOHN E REIS, 2015).

Também são importantes os elementos de informação, como espaço público e designação de árvores, numeração de edifícios, paragens de autocarro e sinais de trânsito verticais (ROMERO, 2001).

### 3.1.2 Vegetação urbana e arborização

Mascaró (2005) esclarece que a vegetação deve ser tratada em todos os aspectos, do público ao jardim privado, das escalas de ação às variedades de recursos. Os elementos que compõem a estrutura urbana são caracterizados por suas formas, cores e agrupamentos,

desempenhando papéis importantes no parque urbano, ajudando a organizar e definir espaços, para ajudar a controlar o clima ea poluição, a conservação da água ea poupança de energia. Acrescente-se a promoção do bem-estar de seus habitantes, a complementação das áreas, sua valorização, a ajuda na prevenção de doenças e o embellishment dos espaços vivos. No entanto, deve ser estudado e adaptado aos ambientes, já que cada um sugere uma vegetação específica ou, nas palavras de Addud.

Nos centros urbanos, as formas de planejamento e ocupação dos bairros condicionam a arborização. Em outras palavras, há certas regiões com parcelamento do solo e diretrizes de ocupação que incentivam a presença de árvores, como nos bairros-jardim. E há outros setores urbanos nos quais é extremamente complicado plantar árvores, caso dos loteamentos de interesse social, que dispõem de lotes não maiores que 125 m<sup>2</sup> e calçadas tão estreitas que dificultam o caminho sobre elas (ADDUD, 2006, p. 58).

Espacialmente, a praça é determinada pela vegetação e outros elementos construídos. Nesse sentido, de acordo com cada significado que a palavra praça pode assumir, esses espaços podem ser classificados (MACEDO E ROBBA, 2002) em:

A - Praça do Jardim: espaços em que se prioriza a admiração das espécies vegetais, o contato com a natureza ea circulação. Elas podem ser cercadas por cercas ou cercas, como a passarela pública do Rio de Janeiro e Curitiba, ou podem ser abertas e cercadas por imóveis (comerciais e residenciais). No Brasil, o conceito de praça costuma estar associado à idéia de paisagismo verde e urbano, por isso, os espaços públicos formados a partir do pátio das igrejas e os mercados públicos são comumente chamados adros ou largo (MACEBO E ROBBA, 2002).

B - Plaza Seca: lacunas históricas ou espaços que apoiam o intenso movimento de pedestres. Em algumas dessas praças não há árvores ou jardins e nelas o importante é o espaço gerado pela arquitetura e são relações entre os volumes do construído e o vazio que dão o todo à escala humana. Nestes lugares, como a Praça de São Marcos em Veneza (Itália), a Praça de São Pedro em Roma (Itália) destacando a Basílica, a Praça das três Potências em Brasília e o Memorial Latino-Americano em São Paulo (MACEBO E ROBBA, 2002).

C - Praça Azul: praças em que a água tem um papel de destaque. Alguns belvederes e jardins de várzea tem esta característica (MACEBO E ROBBA, 2002).

D - Praça Amarela: as praias são geralmente consideradas praças amarelas (MACEBO E ROBBA, 2002).

### 3.1.3 Acessibilidade

A acessibilidade deve servir para todas as pessoas em uma cidade, e especialmente para as pessoas com deficiência, não é uma demanda recente. A sociedade sempre rotulou este grupo de "menos dotado" de participar de qualquer atividade social (BAHIA, 1998).

Bahia (1998) conceitua algumas barreiras urbanísticas que podem solucionar muitos dos problemas em uma cidade, como:

Calçadas totalmente niveladas e com revestimento liso, mas sem ser escorregadio; rampas sobre o meio-fio, a fim de permitir a travessia de ruas; sinais sonoros para a travessia de uma pessoa portadora de deficiência visual; vagas especiais de estacionamento; mobiliário urbano em altura adequada; sinalização do mobiliário ou quaisquer outros possíveis obstáculos a um portador de deficiência visual nas calçadas através de uma diferenciação de piso; escrita em Braille em placas, avisos em paradas de ônibus e outros locais e aparelho telefônico dotado de pequeno visor onde se possa ler a mensagem transmitida pela pessoa do outro lado da linha (BAHIA, 1998).

Segundo Aguiar (2010), a mobilidade urbana refere-se basicamente à facilidade de movimentação de pessoas e bens dentro das cidades e tem sido objetivo de estudos na área de planejamento urbano e transporte, entre outras abordagens, para ratificar a importância do tema sobre acessibilidade ao espaço urbano. O conceito de mobilidade urbana é amplo e envolve articulações intermodais, onde os diversos meios de transporte devem ser planejados de forma integrada e complementar.

O termo mobilidade que também significa facilidade de mover-se, é uma das necessidades mais básicas de qualquer pessoa (AGUIAR, 2010).

Por sua natureza, as cidades são lugares de intercâmbio e convívio humano. São espaços onde pessoas com diferentes necessidades vivem, trabalham e circulam. São, portanto, espaços que devem ser acessíveis a todos. No entanto, esta premissa nem sempre esteve presente no cenário da gestão municipal. Os espaços públicos das cidades foram projetados para serem utilizados principalmente por um padrão idealizado de pessoas, o que exclui as pessoas com deficiência (BAHIA, 1998).

Quando se fala de adaptação, o desenho universal pode resolver muitos dos problemas obtendo várias capacidades e habilidades, o que pode significar um produto flexível como exemplo, o banco do automóvel (VI SIAMF, 1995).

O desenho universal possui uma filosofia que é incluir um público alvo, onde se lida com a adaptação sobre uma gama de capacidades e habilidades, o desenho tem um apelo para as massas. O desenho universal não abrange apenas as pessoas com deficiência, mas também os idosos, os jovens, as crianças, onde leva a consideração na diferença entre homens e mulheres (VI SIAMF, 1995).

#### 3.1.4 Conforto

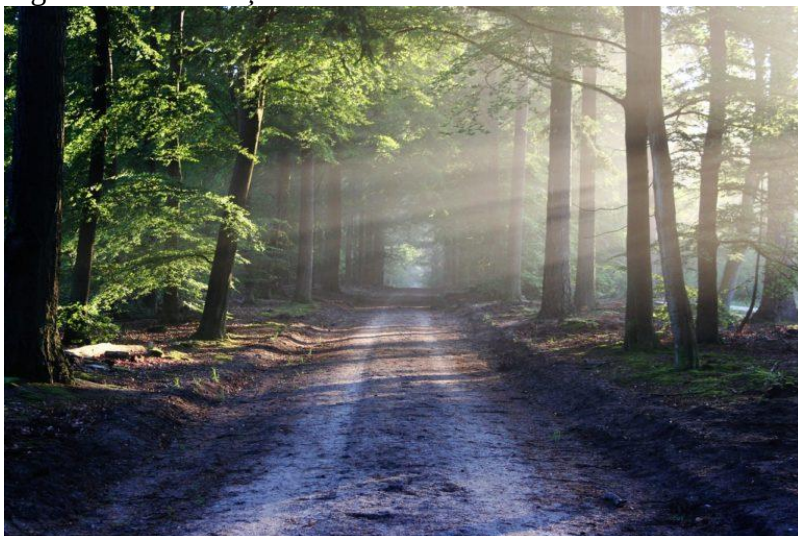
Emarket (2016), diz que os crescimentos populacionais provem de maior número de carros, construções gerando alto índice de ruídos. Em uma metrópole em desenvolvimento, o trânsito é o maior causador de poluição sonora, principalmente na hora do almoço e no momento em que os comércios fecham as portas. A surdez, a hipertensão, AVC e até infarto nas pessoas, portanto uma das formas para interromper o excesso de ruídos em determinados locais, deve-se realizar implantações de árvores que permitem diminuir o número de decibéis (EMARKET, 2016).

As vegetações fornecem vantagens que podem fazer com que o ambiente se torne mais harmônico, pois como barreiras acústicas ajudam a diminuir o ruído causado pelo trânsito e circulação na cidade (EMARKET, 2016). Conforto se relaciona com essas bases citadas anteriormente dentro de um campo denominado parque.

Segundo Yoneya (2010), a cerca viva possui diversas finalidades, como: segurança, privacidade, a delimitação de espaços, poluição e redução de ruídos e quebra-vento, já as plantas de grande porte, como o eucalipto, pinus e entre outros, possui a função para delimitar áreas e também são bons quebra-ventos.

Portanto Yoneya (2010), afirma que o tamanho e o tipo do terreno devem ser avaliados para saber ao certo como tal árvore deverão se comporta. As plantas que possuem médio porte têm o papel de proteger, quebra-vento e ainda possui um efeito decorativo, portanto as características de cada planta devem ser reconhecidas. Já a opção por bambu, deve requerer critérios, pois é muito utilizado como cercas vivas (YONEYA, 2010).

Figura 01: Iluminação chamada “Raio de Deus”



Fonte: Amplitude (2016).

Um espaço considerado amplo e aberto, com vegetações e arborizações sobre uma pista de caminhada, elevando sobre uma continuidade ao longo da iluminação chamada “raio de Deus”, fazendo com que as pessoas se sintam bem sobre estes lugares. É importante ressaltar que esse efeito poderá causar uma grande absorção das ondas sonoras nas folhas (EMARKET, 2016).

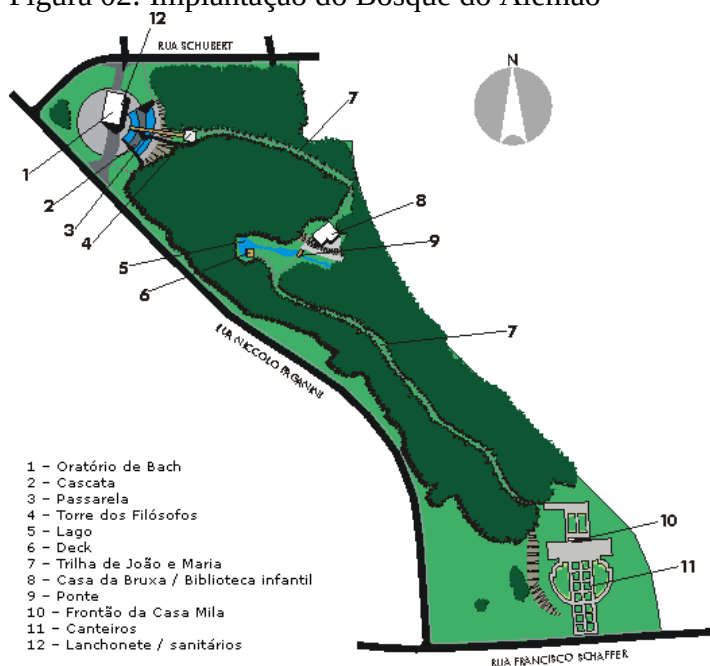
## 4 CORRELATOS E REFERÊNCIAS

Neste capítulo serão apresentados correlatos e referências que poderão servir de suporte para a elaboração da proposta de revitalização do Parque Vitória, na cidade de Cascavel-PR. Neste processo de pesquisa foi apresentada a organização do pensamento sobre as decisões a serem tomadas na revitalização.

### 4.1 BOSQUE DO ALEMÃO EM CURITIBA-PR

O Bosque do Alemão situa-se numa área de 38.000 m<sup>2</sup> de vales no Jardim Schaffer, onde no final do século passado a família que deu o seu nome ao bairro foi responsável por uma famosa laticaria na região. Germânica, sendo assim uma homenagem do prefeito Rafael Greca e da cidade de Curitiba ao grupo étnico que se instalou aqui no século XIX, a partir de 1833 (PREFEITURA DE CURITIBA, S/D).

Figura 02: Implantação do Bosque do Alemão



**Fonte:** Portal da Prefeitura de Curitiba

A parte interessante desta floresta é que há um caminho que conta a história de "João e Maria" dois irmãos Grimm através de painéis de azulejos, há uma biblioteca chamada Casa da



Bruxa (ou Casa de Histórias), que é um espaço reservado para Interesse pela leitura em crianças (PREFEITURA DE CURITIBA, S/D).

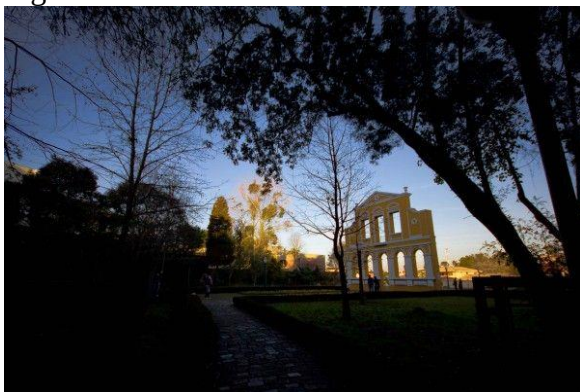
Figura 03: Biblioteca do projeto Farol do Saber



Fonte: Daniele Jung (s/d)

Ao final da trilha, chega-se ao último equipamento, conforme a figura 04 mostra: o pórtico que reconstrói o frontão da Casa Milla, que foi construído no início do século na Rua Barão do Serro Azul, um dos principais exemplos da língua alemã Arquitetura de imigração. A varanda utilizada na réplica é o original (PREFEITURA DE CURITIBA, S/D).

Figura 04: Frontão da casa Milla



Fonte: Kekanto (s/d)

O Bosque do Alemão em Curitiba possui conceitos que podem ser empregados no projeto proposto.

#### 4.2 HYDE PARK – LONDRES, INGLATERRA

O Hyde Park em Londres é considerado um dos parques mais belos do país, pois há diversas atrações como: natação, caminhada e além de tudo, a paisagem sempre é a mais

encantadora. Foi inaugurado em 1637, o Hyde Park é considerado um dos pontos mais bonitos para a apreciação do Sol, piqueniques, e entre outros, independente da época do ano. O parque possui em média 142 hectares, se localiza no centro de Londres juntamente com os jardins Kensington, que se ligam um ao outro, formando uma das maiores áreas verdes da capital inglesa (LORENZI, S/D).

Figura 05: Hyde Park



Fonte: Dica de Londres

O Parque Hyde Park, possui conceitos que podem ser empregados no projeto proposto, pensando no bem-estar da população e recreação das famílias.

#### 4.3 PARQUE RIBEIRO DO MATADOURO

Foi uma oportunidade para transformar um "não-lugar" em um espaço de maior valor para o ambiente social, urbano e natural da cidade. Utilizando a cultura local, a ecologia e a tradição como diretrizes de construção, em conjunto com métodos de projeto sustentáveis e integrados, este espaço foi transformado em um organismo vivo estruturado por diversas escalas, ritmos e tempos de evolução num mundo contemporâneo (LANDSTUDIO, 2015).

Como parque urbano (1.54 hectares), pretendeu-se criar ligações através de caminhos interpretativos em estreito contato com a natureza, redefinindo a paisagem local simplesmente trazendo o potencial que já exumou (LANDSTUDIO, 2015).

Figura 06: Parque Ribeiro do Matadouro



Fonte: Archello (2015)

A fim de enriquecer a experiência e a sensação nas zonas secas e úmidas, as árvores e espécies de vegetação baixa foram adicionadas para adicionar biodiversidade, cor, textura, movimento e transporte. O "Active Mesh" que promove (para o inclusivo desativado) e conectividade em todo o site, através de muitos caminhos em um layout muito geometrizado, com várias expressões que fornecem movimento em velocidades diferenciais (LANDSTUDIO, 2015).

Figura 07: Parque Ribeiro do Matadouro



Fonte: Archello (2015)

No lado sudoeste temos um convés principal que foi projetado como um "cobertor" concreto que cobre a morfologia do local e forma uma área de estacionamento, um quadrado com áreas de assento, escadas e rampas. Esta área liga-se à estrada principal da circulação no terreno elevado que é também um trajeto da bicicleta no concreto permeável. Para as rotas secundárias e interpretativas temos plataformas elevadas construídas em madeira tratada com tempo, deck de madeira composto e chapa metálica lateral (LANDSTUDIO, 2015).



O Parque Ribeiro do Matadouro possui diretrizes que será utilizado no projeto proposto da revitalização do Parque Vitória.

#### 4.4 PARQUE EM ISTAMBUL

Em Istambul, uma cidade com poucos espaços verdes, o estúdio DROR propôs algo radical - um parque cheio de intervenções inovadoras como forma de encorajar a experiência coletiva e convivialidade. Visto como "uma história de amor entre as pessoas ea natureza" Parkorman Park vai dar às pessoas a chance de caminhar através da floresta, jogar, refletir e até mesmo trek sobre árvore-tops (ARCHIDAILY, 2017).

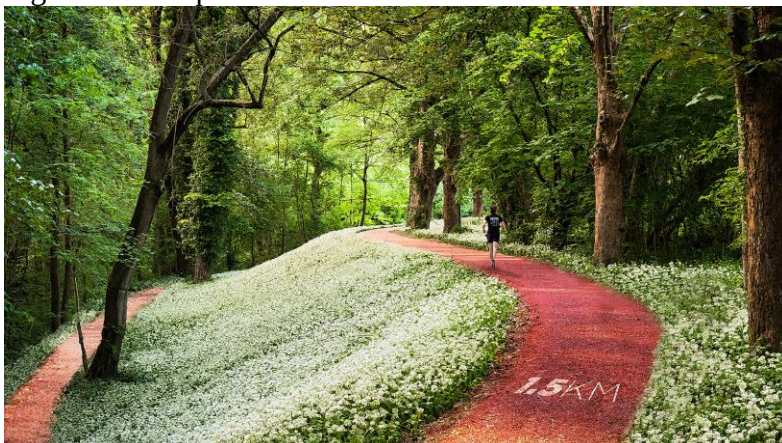
Figura 08: Parque em Istambul



Fonte: Archdaily (2017)

O projeto urbano é dividido em cinco zonas principais, cada um projetado para provocar sua própria emoção. A interação eo jogo são promovidos em cada zona através da série de intervenções: À entrada do parque, "A Praça" apresenta os visitantes à natureza e proporciona um espaço aberto para socializar e socializar; Em "The Loop", balanços e redes flutuam no chão da floresta como um retiro relaxante da vida urbana; Gigantescas bolas, inspiradas na vitalidade de um mercado turco de especiarias, compõem o "The Pool"; Em "The Chords", os convidados aventureiros têm a chance de escalar as copas das árvores em uma trilha torcida, e pular em trampolins gigantes localizados lá (ARCHIDAILY, 2017).

Figura 09: Parque em Istambul



Fonte: Archdaily (2017)

O parque em Istambul oferece conceitos relacionados à degustação da flora, através de mecanismos que podem levar o visitante até o topo das árvores, fazendo com que haja total interação de pessoas e o espaço ambiental. Portanto, os conceitos utilizados no parque em Istambul, serão importantes para o uso no projeto proposto.

#### 4.5 BANHEIRO PÚBLICO

O Banheiro Público foi concebido como uma escultura no parque, um objeto dinâmico e artístico ao longo dos caminhos. A estrutura é constituída por 49 chapas de aço corten de 2 cm de espessura, de diferentes larguras e alturas, variando de 30 cm de largura por 45 cm de altura a 60 cm de largura por 4 m de altura (ARCHDAILY, 2013).

Figura 10: Banheiro público



Fonte: Archdaily (2013)

As placas são plantadas de tal forma que formam uma curva que se enrola sobre si mesma para formar o banheiro. Além disso, interligam-se para controlar as vistas e manter a privacidade, permitindo por sua vez a entrada de luz e ventilação natural. A porta eo teto também são feitos do mesmo aço (ARCHDAILY, 2013).

Figura 11: Banheiro Público



Fonte: Archdaily (2013)

O banheiro segue os padrões de acessibilidade e inclui um bebedouro e um chuveiro no seu exterior, e no interior são o banheiro, urinol, banheiro e banco. Esta estrutura simples requer manutenção mínima: o encanamento é feito de aço inoxidável. Não há necessidade de luz artificial ou ventilação mecânica e chapas de aço Corten naturalmente resistir à corrosão ao longo do tempo (ARCHDAILY, 2013).

Figura 12: Banheiro Público



Fonte: Archdaily (2013)

O banheiro público projetado por Miro Riviera, com a sua plasticidade e modernidade nas formas, com um conceito mais inovador, com a utilização de materiais que podem impulsionar mais ainda a beleza e a paisagem natural no ambiente, será útil para o projeto proposto da revitalização do Parque Vitória.

## 5 DIRETRIZES PROJETUAIS

Para dar o início há um projeto deve-se realizar uma breve pesquisa sobre as condicionantes do terreno e o seu entorno, pois para que o partido arquitetônico possa surgir, devem-se juntar todos os dados técnicos.

### 5.1 IMPLANTAÇÃO DO PROJETO

O Parque Vitória, está localizado no município de Cascavel-PR, que na qual está localizado no Oeste do Paraná, possuindo aproximadamente 316.300 habitantes (IBGE, 2017).

Figura 13: Município de Cascavel-PR



Fonte: Google maps (2017)

O Oeste do Estado do Paraná, foi iniciado em conjunto com a colonização do Brasil, a região de cascavel, foi descoberta paralelamente com o descobrimento do País, a palavra “cascavel” vem do latim clássico “cacabus”, que na qual significa “borbulhar d’água fervendo”, há elementos com as ruas, o fórum, os equipamentos públicos e habitações (DIAS *et al*, 2005).

Por se tratar de um projeto de revitalização, o projeto já existente, se localiza no bairro Cancelli, na rua Sete de Setembro.





A ideia é inserir nesse espaço já existente, um novo conjunto de mobiliário que podem influenciar para que o Parque volte a ter vida, pois trata de um espaço de recreação e lazer para famílias.

## 5.2 ANÁLISE DO ENTORNO

O Parque Vitória se localiza em frente ao Condomínio Residencial Nuremberg, portanto cabe também do interesse de que o espaço também seja destinado para os que habitam no entorno da região, levantando mais a infraestrutura imobiliária do Bairro Cancelli.

Figura 16: Concepção das Vias



Fonte: Google Maps (2017), editado pelo autor

Ao final da Rua Sete de Setembro, um campo de futebol se abre, portanto, a ideia da implantação de um espaço para recreação surge a partir desse espaço aberto e vazio.



Figura 17: Fim da Rua Sete de Setembro



Fonte: Google maps (2017)

Portanto, através da Revitalização do Parque Vitória, irá proporcionar maior fluxo de pessoas no entorno do espaço, trazendo mais economia e influência no mercado imobiliário do Bairro Cancelli.

### 5.3 VENTOS PREDOMINANTES

Cascavel localiza-se na região oeste do estado do Paraná, pode-se observar, conforme figura abaixo, que a direção do vento dominante é Nordeste.

Figura 18: Mapa de indicação dos ventos do Paraná



Fonte: Paraná Governo do Estado

## 5.4 PARTIDO ARQUITETÔNICO

O Partido Arquitetônico surge através do Memorial Justificativo, explicando de todas as visões de como o projeto será inserido e influenciado no espaço.

### 5.4.1 Memorial Justificativo

Visão Geral: O projeto da Revitalização do Parque Vitória se localiza no município de Cascavel, vem com a intenção de promover o espaço que na qual se encontra depredado e com falta de manutenção. O Parque Vitória ocupa um espaço que na qual possui uma densa área de arborização preservada, e a mesma poderá servir como um local para a recreação.

Implantação e Relação com o entorno: O projeto está inserido de frente com o Condomínio Residencial Nuremberg, o qual se conecta de uma forma que os habitantes podem usufruir do espaço com algumas atividades de recreação e lazer. A principal entrada do Parque Vitória, está localizado próximo ao final da Rua Sete de Setembro, a ideia seria fazer com que haja uma nova entrada sobre esse recinto e no final da rua, seja inserido uma proposta de uma lanchonete que na qual será manifesta após o longo percurso de caminhada no parque. Portanto, juntamente com a lanchonete poderá permanecer um espaço para exposição de artesanatos e outros artefatos produzidos a mão, a ideia é fazer com esse espaço tenha um espelho d'água, funcionando como uma refrigeração nos dias mais quentes, dando um espaço para a arquitetura bioclimática.

Programa de atividades: O Parque Vitória contará com diversas atrações e atividades, onde se junta desde o mais jovem até o mais velho.

Partido Arquitetônico: O partido arquitetônico se desenvolve a partir da arquitetura moderna, que irá receber uma influência em determinados espaços do Parque, como a lanchonete, por exemplo, que contará com a fachada de vidro, e outros elementos que na qual são conservados na arquitetura moderna.

## 5.5 PROGRAMA DE NECESSIDADES

Estacionamento: Capacidade máxima não definida.

Posto de guarda: 80 metros quadrados.

Banheiro Público: 40 metros quadrados.

Copa para funcionários: 50 metros quadrados.

Lanchonete: 150 metros quadrados.

Recepção: 80 metros quadrados.

Pista de caminhada: metragem não definida.

Ciclovía: metragem não definida.

Parque para crianças: 90 metros quadrados.

Brinquedoteca: 90 metros quadrados.

Trilhas: metragem não definida.

Mobiliário urbano

## 5.6 ESTUDO PRELIMINAR DO PROJETO

O projeto da Revitalização do Parque Vitória, desenvolve-se a partir da arquitetura moderna, com a utilização de materiais que promovem a sustentabilidade.

A entrada do Parque Vitória, consiste em levar o público a entrar no local, portanto, será proposto um projeto de um monumento com o letreiro do nome do parque, e a seguir, um volume que representa o espaço interno por fora do ambiente, é como se fosse contar o que há por dentro de um novo espaço na entrada do recinto.

A ciclovía será determinada em um espaço onde não cruze com os pedestres, a fim de evitar acidentes, já na trilha e a pista de caminhada seguem juntas no mesmo sentido, a fim de promover o espaço, com placas indicando as espécies das árvores, para que o público possa interagir. A lanchonete é como se estivesse no final do caminho, mas que na entrada, o público não perceba que há esse espaço.

A brinquedoteca e o parque para as crianças serão locados juntamente com a lanchonete, e nesse espaço, será previsto exposição de artesanatos.

## 6 CONCLUSÃO

A presente pesquisa se refere à proposta de revitalização do Parque Vitoria na cidade e Cascavel-PR. Para a elaboração deste trabalho foi utilizada a pesquisa do tipo bibliográfica e a análise de correlatos.

A partir da base teórica discutida, é possível ter uma posição sobre a necessidade de revitalizar o local mencionado. O objetivo era propor um parque para a sociedade, visando melhorar seu entorno, trilhas para caminhadas e a área verde ao seu redor. Dessa forma, os usuários poderiam fazer seus passeios. Em suma importância, a natureza interfere com a qualidade de vida, por isso é fundamental manter esse espaço bem elaborado, pois, ao longo de sua utilização, trará benefícios aos seus usuários.

A preocupação com o uso da área verde vem da melhora a qualidade de vida, bem como do espaço urbano público, solidificando a relação com a natureza, aproveitando, ainda, a sua inspiração. Há também o estímulo que a praça pode provocar, fazendo com que os indivíduos busquem o espaço aberto, onde encontrarão o convívio, descanso e saúde mental.

Entender o que é necessário para uma praça dentro do espaço urbano foi de extrema importância para verificar que um lugar com esta designação apropriada para a população, é de grande valor para que possam desfrutar de um lugar confortável e saudável, estruturado com o pensamento focado com o bem-estar e à independência do usuário.

Através desta pesquisa foi possível perceber as necessidades e as possibilidades necessárias para a revitalização que contribuíram para o estudo em questão, resultando na proposta do parque apresentado aqui.

Por fim, a revitalização se mostra necessária devido à escassez de espaços para a convivência e para a prática de exercícios físicos.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ARANTES, Pedro Fiori. **Arquitetura Nova**. 2. ed. Editora 34. São Paulo, 2004.

ABNT - ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 9283: **Mobiliário Urbano**. Rio de Janeiro, 1986.

ABBUD, Benedito. **Criando paisagens: guia de trabalho em arquitetura paisagística**. São Paulo: Editora Senac, 2006.

**Anais do VI SIAMF Seminário sobre Acessibilidade ao Meio Físico**, Rio de Janeiro, 8 a 10 de junho de 1994. E, **Anais do Curso Básico sobre Acessibilidade ao Meio Físico**, Rio de Janeiro, 6 e 7 de junho de 1994.-Brasília: CORDE, 1995.

AGUIAR, Fabíola de Oliveira. **Acessibilidade Relativa dos Espaços Urbanos para Pedestres com Restrições de Mobilidade**. São Carlos, 2010. Disponível em: <[www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18144/tde-21042010-193924/.../tese.pdf](http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/18/18144/tde-21042010-193924/.../tese.pdf)> Acesso em 20 de mai.2017.

BENEVOLO, Leonardo. **História da Cidade**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2003.

\_\_\_\_\_. **História da Arquitetura Moderna**. São Paulo: 3 Ed . Perspectiva, 2004.

BITTENCOURT, Leonardo. **Uso das cartas solares: diretrizes para arquitetos**. 4. ed. Maceió: EDUFAL, 2004.

BRASIL. Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Estabelece normas gerais e critérios básicos para a promoção da acessibilidade das pessoas portadoras de deficiência ou com mobilidade reduzida, e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 20 dez. 2000**. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br/sileg/integras/842349.pdf>>. Acesso em: 09 de mai.2017.

BAHIA, Sergio Rodrigues. **Município e acessibilidade**. Rio de Janeiro: IBAM/DUMA, 1998.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano. Resumo do Livro: O Espaço Urbano**. 1995. Disponível em: <<http://reverbe.net/cidades/wp-content/uploads/2011/08/Oespaco-urbano.pdf>> Acesso em: 23 mar.2017.

CURITIBA, Prefeitura De. **Parques e Bosques**. S/D. Disponível em : <<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-alemao/268>> Acesso em 21 de mai.2017.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

DEL RIO, Vicente. **Introdução o desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1990.

DELAQUA, Victor. **Banheiro Público/Miro Riviera Architects**. 2013. Disponível em: <[://www.archdaily.com.br/br/01-157797/banheiro-publico-slash-miro-rivera-architects](http://www.archdaily.com.br/br/01-157797/banheiro-publico-slash-miro-rivera-architects)> Acesso em: 18 de mai. 2017.

EMARKET. **Usando a natureza como aliada para diminuir a população sonora**. 2016 Disponível em: <<http://www.amplitudeacustica.com.br/blog/usando-a-natureza-como-aliada-para-diminuir-a-poluicao-sonora/>> Acesso em: 18 de mai.2017.

FAG, Faculdade Assis Gurgacz. **Manual para elaboração e apresentação de trabalhos acadêmicos**. Cascavel, FAG: 2015.

FILHO, José Augusto. **Paisagismo – Princípios Básicos**. Viçosa MG, Vol 1, 2001.

FERREIRA, Liz Ivanda Evangelista Pires. Parque Urbano. SP. 2007. Disponível: <[www.revistas.usp.br/paam/article/download/86866/89835](http://www.revistas.usp.br/paam/article/download/86866/89835)> Acesso: 16 de mai.2017.

FILHO, José Augusto de Lira. **Paisagismo: Elementos de Composição e Estética**. Viçosa: Aprenda Fácil, 2002.

\_\_\_\_\_. Paisagem: Princípios Básicos. Viçosa: aprenda fácil,2001.

GUEDES, João Batista. **Design no Urbano. Metodologia de análise visual de equipamentos no meio urbano**. Universidade Federal de Pernambuco – Departamento de Arquitetura e Urbanismo – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano. 2005.

GOMES, Marcos Antônio Silvestre. **Os Parques e a Produção do Espaço Urbano**. Jundiaí, Paco Editorial, 2013

HARRIS, Elizabeth Davis. **Le Corbusier: Riscos Brasileiros**. São Paulo: Nobel, 1987.

HAROUEL, Jean-Louis. **História do Urbanismo**. Campinas: Papirus, 3 Ed, 2001.

JOHN, Naiana, REIS, Antonio T. **Percepção, estética e uso do mobiliário urbano**. 2015. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/gestaodeprojetos/article/view/50991>> Acesso em: 09 maio 2017.

KUHL, Beatriz Mugayar. **Preservação Do Patrimônio Arquitetônico Da Industrialização**. Cotia, Editora: Ateliê Editorial, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. Maria de Andrade Marconi, Eva Maria Lakatos. – 5. ed. – São Paulo: Atlas 2003.

LYNCH, Patrick. **Parque em Istambul permite os visitantes caminharem pelas copas das árvores**. 2017. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/871191/parque-em-istambul-permite-os-visitantes-caminharem-pelas-copas-das-arvores>> Acesso em: 17 de mai.2017.

LANDSTUDIO. **Parque Ribeiro do Matadouro**. 2015. Disponível em: <<http://www.archello.com/en/project/parque-ribeiro-do-matadouro>> Acesso em: 17 de mai.2017.



LORENZI, Gabriel. **Hyde Park em Londres**. s/d. Disponível em:  
<<http://www.dicadelondres.com.br/2015/05/parque-hyde-park-em-londres-inglaterra.html#>>  
Acesso em: 10 de mai.2017

MACEDO, Silvio Soares. **O Paisagismo Moderno Brasileiro – Além de Buler Marx**.

MARCARÓ, L.; PELLI, V. S.; VIANNA, N. S.; KATINSKY, J.; TURNER, J. H.C.;  
MASCARÓ, J. L. **Tecnologia & Arquitetura**. São Paulo, 1990.

MALEQUE, Miria Roseira. **Cultura, Patrimônio e Habitação: Possibilidades e Modelos**.  
Rio de Janeiro: 7Letras, 2004.

MAYMONE, Marco A. de Alencar. **Parques Urbanos – Origens, Conceitos, Projetos, Legislação e Custos de Implantação. Estudo de caso: Parque das Nações Indígenas de Campo Grande-MS**. Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. 2009.

MIRANDA, Macklaine Miletho Silva. O papel dos parques urbanos no sistema de espaços livres de Porto Alegre-RS: Uso, forma e aprovação. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU 2014.  
Disponível: <[http://www.fau.ufrj.br/prologar/assets/tese\\_macklaine\\_miranda.pdf](http://www.fau.ufrj.br/prologar/assets/tese_macklaine_miranda.pdf)> Acesso: 16-05-2017.

MASCARO, Lucia; MASCARO, Juan; **Vegetação Urbana**; 2ª edição, Porto Alegre: Mais Quatro Editora, 2005.

MACEDO, Silvio Soares; ROBBA, Fabio. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2002.

\_\_\_\_\_. **Praças Brasileiras**. São Paulo: Edusp, 2010.

OLIVEIRA, Carlos Alberto. **A praça no centro do debate**.2011 Disponível em:  
<<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/resenhasonline/10.110/3866>> Acesso em: 16 mai.2017.

QUEIROZ, Rodrigo, FREITAS, Maria Luiza. **Dos movimentos modernizantes ao espírito novo: Arquitetura brasileira após a semana de arte moderna**. 2012. Revista USP-SP.  
Disponível em: <[revista.usp.br](http://revista.usp.br)>. Acesso em : 24 mar.2017.

REBELLO, Y. C. P. **A Concepção Estrutural e a Arquitetura**. Ed. 3 São Paulo, 2003.  
**Revista eletrônica da área Paisagem e Ambiente**. FAU.USP - n. 01, outubro 2003.

ROBBA, Fabio, MACEDO, Silvio Soares. **Praças Brasileiras**. Edusp – Editora da Universidade de São Paulo, 2010.

ROMERO, Marta Adriana Bustos. **A arquitetura bioclimática do espaço público**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

SANTOS, Carlos Nelson F. dos. **A cidade como um jogo de cartas**. Niterói: Universidade Federal Fluminense: EDUFF: São Paulo: Projeto Editores, 1988.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção/ Milton Santos**. – 4 ed. 2. Reimpr. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006. – (Coleção Milton Santos; 1).

SEGANTINE, Paulo; SILVA, Irineu. **Topografia para Engenharia: Teoria e Prática de Geomática**. Ed. Elsevier, 2015.

SILVA, Aline de Figueiroa. **Jardins Do Recife: Uma História Do Paisagismo No Brasil (1872-1937)**. Recife: CEPE, 2016.

SUN, Alex. **Projeto da Praça: Convívio e Exclusão no Espaço Público**. São Paulo: SENAC, 2008.

TABACOVA, José. **Arte & Paisagem**. Roberto Burle Mar; José Tabacova. 2. ed. e ampl. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

TULER, Marcelo, SARAIVA, Sérgio. **Fundamentos de Topografia: Série Tekne**. Ed. Bookman Companhia. 2014.

VIEIRA, Maria Elena Merege. **O Jardim e a Paisagem**. São Paulo, 2007.

VILLAÇA, F. – **Espaço intra-urbano no Brasil** – ed. 2, São Paulo, 2011.

ZEVI, B. **Saber ver a arquitetura**. 5 ed. São Paulo, 2000.

WATERMAN, Tim. **Fundamentos de Paisagismo**. Porto Alegre, 2010.

\_\_\_\_\_. **Fundamentos De Paisagismo**. Porto Alegre, 2011.

YONEYA, Fernanda. **Cerca-viva: espécies varia conforme a finalidade**. 2010. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/geral,cerca-viva-especie-varia-conforme-a-finalidade,515366>>. Acesso em 18 mai.2017.

## ENDEREÇOS ELETRÔNICOS – BUSCA DE IMAGENS

Acessibilidade com rampa e escada. Disponível em:

<<https://arqdicasblog.wordpress.com/2016/06/17/nbr-9050-calculo-de-rampas/>> Acesso em 20 de mai.2017.

Banheiro público. Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/br/01-157797/banheiro-publico-slash-miro-rivera-architects>> Acesso 17 de maio de 2017.

Frontão da Casa Milla. Disponível em : <<https://kekanto.com.br/biz/bosque-alemao/fotos/48701>> Acesso em 10 de maio de 2017.

Implantação do Bosque do Alemão. Disponível

em:<<http://www.curitiba.pr.gov.br/conteudo/parques-e-bosques-bosque-alemao/268>> Acesso em 10 de maio de 2017.

Iluminação chamada “raio de Deus”. Disponível em:

<http://www.amplitudeacustica.com.br/blog/usando-a-natureza-como-aliada-para-diminuir-a-poluicao-sonora/>. Acesso em: 19 mai.2017.

Mapa de indicação dos ventos do Paraná. Disponível em :

<<http://www.geografia.seed.pr.gov.br/modules/galeria/detalhe.php?foto=318&evento=8>> Acesso em 22 de maio de 2017.

Parque Hyde Park. Disponível em: <<http://www.dicadelondres.com.br/2015/05/parque-hyde-park-em-londres-inglaterra.html>> Acesso em 10 de maio de 2017.

Parque Ribeiro do Matadouro. Disponível em: <<http://www.archello.com/en/project/parque-ribeiro-do-matadouro>> Acesso 10 de maio de 2017.

Parque em Istambul. Disponível em: <<http://www.archdaily.com.br/br/871191/parque-em-istambul-permite-os-visitantes-caminhareem-pelas-copas-das-arvores>> Acesso 17 de maio de 2017.